



O capellão militar P.^o Jacinto d'Almeida Motta com a estoja e amбуla e dois soldados com os instrumentos anti-gaz: mascara (n.^o 1) e capuz (n.^o 2)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

r. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria e semanal de informação graphics

Redacção, administração e typographia
53, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

• CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500 Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas crenças, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Casello, se residir no concelho de Vianna do Casello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcoabaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, lhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus, impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis. Pelo correio, 65 rs.

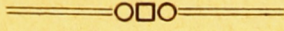
Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

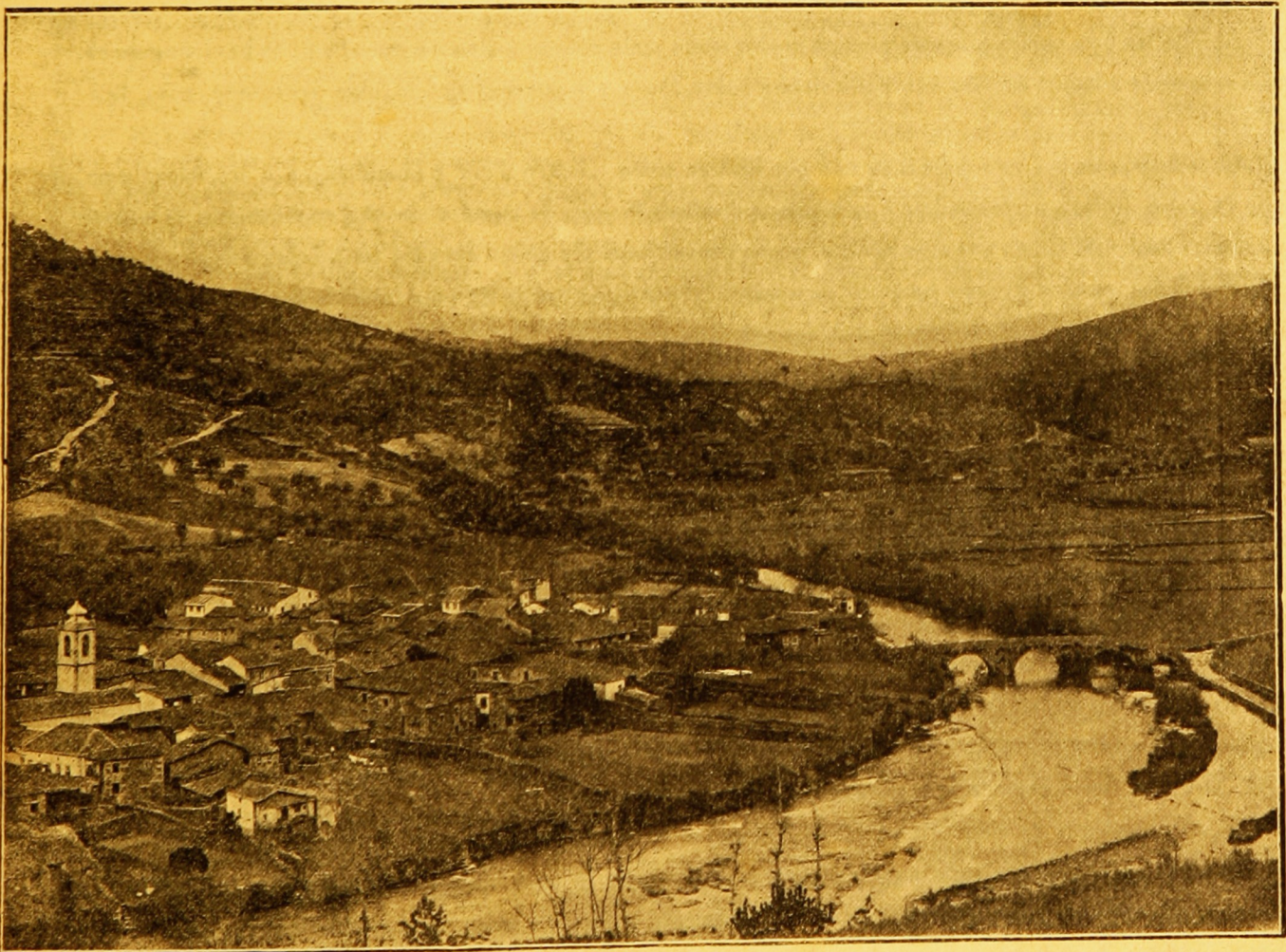
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 6 de Outubro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 223—Anno V



Portugal Pittoresco—SANDOMIL

CHRONICA DA SEMANA

Em nome dos principios!



A trez annos, pouco mais ou menos, glosando um commentario de jornal, aqui n'este mesmo logar ouvindo um pregão das gazetas fumescientes de noticias alarmadas — a guerra enfurecia-se, os russos saqueavam a Russia oriental, von Kluck descia sobre Paris, na cola do governo que descia sobre Bordeus, algo apressado, deixando Galliéni a defender a capital—eu alludia á divisa que no alto, sobre os primeiros pannos da fachada da Entente e defronte do mundo, acabava de ser arvorada e tanto uso e abuso teve depois: a Civilisação, o Direito e a Justiça. Com uma aversão á letra grande, que em mim é como a instintiva repulsão de espalhafatos, de vaidades pomposas, de impertinencias ridiculas, inimigas naturaes e apostadas do lidimo senso da boa camaradagem, da lealdade e da dedicação cega por um amigo como por um ideal;—eu virei de soslaio aquella taboleta, e traduzi por escripto a primeira impressão que d'ella resaltara para mim, dizendo que aquillo me cheirava a democratico. Vi ao depois homens notaveis, mésclos de utopistas, embasbacados, em plena turba, deante do magico annuncio. Vi o bom burguez a tirar o seu chapéu deante d'ella e passaram-me pelas mãos centenaes de opusculos da propaganda gauleza explicando, ou tentando explicar, ao grande publico o mysterioso significado das palavras supraditas . . .

Ha pouco, relendo a resposta de Wilson á nota pontificia, fiquei convencido de que ha secretas vozes no nosso espirito que por vezes surdem inesperadas, nos empolgam e nos levam. A principio, cedendo-lhes a força do raciocinio, nem sabemos se vamos por errado caminho.

Depois, quando os factos nos revelam que á razão fomos conduzidos, sentimo-nos contentes, d'esse contentamento.

Aquillo tambem cheira a democratico, e cheira muito mais do que a divisa a que alludi, ha bons trez annos, aqui n'este mesmo logar, quando von Kuck descia sobre Paris, e o governo descia algo apressado, para Bordeus . . .

O problema da guerra é pois o mesmo que ha trez annos. Dentro d'elle o liberalismo e o tradicionalismo, um de cá outro de lá, a auctoridade e a anarchia individualista, uma de lá outra de cá, continuam a manter-se nas mesmas posições. Como pensava hontem, posso pensar hoje. Os dados atirados ao taboleiro mostram ainda as mesmas faces, com os mesmos numeros de pontos. Sómente, a confirmação das minhas opiniões, então formuladas, avultou-lhes o pezo, A democracia desmascarou-se.

Hoje, não é possivel já sustentar deante de duas pessoas intelligentes pelo menos, a solemne tabolêta dos celebres nomes com letras grandes. Como hontem, e mais claro do que hontem, a lucta é hegemonias economicas, a guerra é entre Londres e Berlim. As compensações territoriaes reclamam-se *carrément*, postos de banda os escrúpulos. A Italia quer o dominio das duas margens do Adriatico. A Inglaterra o resto da Africa e da Asia. Ha quem diga combater em nome dos principios? Em Londres riem-se e pergantam-lhe qual o seu objectivo economico . . . jogo franco, cartas na meza. Grey não disse que mesmo que a Belgica não fivesse sido invadida, a Inglaterra havia de intervir? O Pápa reclamou a independencia do heroico povo do norte. Era essa a razão espiritual da guerra. dizia-se. Pois a Belgica não foi já, na nota wilsoniana, a pedra do escandalo. O grande propulsor da guêrra é o *dollar*, é a *libra*, é o *franco*, é o *marko*. Os socialistas portuguezes tiveram de repellir energicos em Londres, a proposta Hobderon, segundo a qual desaparecia em beneficio da loira Albion o nosso imperio africano. Seria democratico, civilisado, juridico e justo . . .

E eu tenho dentro de mim, a remorder-me, a magua profunda de vêr compatriotas nossos a luctar bravamente por uns principios que servem de bastidor ou de anteparo ás manobras das ambições dos colossos, ás insaciaveis guelas dos monstros devoradores, que cynicamente, a frio, em todas as chancellarias, renovam, sobre milhões e milhões de cadaveres, a macabra planação do fim de muitas patrias . . .

F. V.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

III

Aventuras do alfabeto



CONTINUEMOS a ver o que diz o P.^o Luiz Casolini, sem R:

“Pensa alguém, bem o sei, que com os epithetos, e os synonymos expeditamente se consegue tudo! Mas quem assim pensa, ou não entende ou se engana. A lingua italiana toda ella se apoia nos *infinitos*, nos *conjunctivos*, nos *casuaes*, (1) em monosyllabos. Quem não sabe que nêstes *tempos*, e nestas *voces*, a cada passo se dá com aquillo que eu esquivo? Foi-me, pois, indispensavel uma nova syntaxe, um novo methodo, uma nova *Janua*, digamo-lo assim, de novo cunho. E é este o unico caminho, e não o synonymo, o epitheto, pelo qual caminho cheguei, não sem alguma felicidade no exito, á mutilação do alfabeto. Pesem já os sabios, aos quaes unicamente apello, a incalculavel, desconhecida fadiga, que me custou tal empenho, e isso me basta. Mas já a teem, sem duvida, pesado: *Volenti nil difficile* . . .

As citações que fiz do prefacio, continúa o collaborador da *Minerva*, dispensam-me de respigar mais no livro: darei ainda apenas umas linhas mais do prefacio, onde o auctor, para justificar sempre melhor a publicação do seu livro, adduz outra boa razão, que não envelheceu ainda, e até com demasiada frequencia é a unica que se pode adduzir em casos semelhantes hoje:

“Quanto, pois, até aqui indiquei não o destino a meu elogio, mas a honesta defeza do meu nome. Sei que alguém disse—e calo o nome de quem me insulta, pois sou catholico, até ecclesiastico, e como tal esqueço as offensas e amo a quem me offende—sei que alguém disse: São bufonadas desenxabidas do Casolini! Longe de nós o litigio. Não sou eu juiz competente na minha causa. Mas num seculo em que o Cacodemo do typo de molde enfatou os homens de tal modo que cada dia saem á luz opusculos, epistolas, tentativas, avisos, annotações, exposições, systemas, que seobteem, se lêem e andam nas mãos de todos, e sabe Deus o que nelles ha de substancioso e novo, pois muitas vezes tudo acaba ou no nome, ou no titulo; nêste seculo, dizia eu, não temi que só em mim fosse delicto a publicação dêstes Elogios.”

Escusado será advertir o leitor de que nêste longo paragrapho tambem não figura a letra R . . .

A noticia do livro de sermões sem R, dada pelo meu confrade italiano, acaba ali. Mas os leitores decerto me agradecerão que lhes traduza o resto do capitulo, que é interessantissimo. Ahi vae:

“O autor podia ter escórado esta sua “honesta defeza”, com outra observação ainda, a saber: que nenhum crítico podia dirigir aos seus *Elogi senza R* a censura que um crítico alemão dirigiu a um livro de Erasmo:

Er habet Ausonium liber hic, habet erque Pelasgum,

Er habet Hebraeum, praetereaque nihil.

“Este livro não tem senão o r latino (*er*), o r grêgo

(1) Para evitar o R de *preposições*, designou-as assim, e muito bem.

(*rho*) e o r hebraico *res*).—Modo curioso de proclamar que estava cheio de erros: *errhores*!

Mas o bom do padre procurou fazer relevar os grandes merecimentos da sua obra, apresentando, como vimos, a sua “não conhecida fadiga”, como coisa de veras extraordinaria e nunca vista. Este merecimento da novidade, porém, temos que o excluir de todo. Poucos annos antes de publicar elle os seus *Elogi senza R*, em 1805, havia dado á estampa o allemão G. W. Burmann um volume de versos nos quaes falta precisamente esta letra, e outro allemão, o dr. Franz Rittler, tinha escrito um romance *Die Zwillinge* (*Os gemeos*) em que não apparece nem uma vez a letra R, que é uma das mais usadas do alfabeto allemão. Em Italia, em 1614, isto é: mais de dois seculos antes do livro sem R do padre Casolini, publicara o carmelita Vicente Cardone, em Napoles, um poema intitulado *O R banido*, e este frade fôra levado a tal extravagancia precisamente pela mesma razão que compelliu á sua o Padre Casolini: pela dificuldade que tinha em pronunciar a letra r; e como era, sobre poeta, prégador, baniiu-a tambem dos seus sermões. Nem a esta singularidade se limitou o Cardone, porque compoz uma série de poemas de cada um dos quaes era expungida uma letra e que deviam publicar-se com o titulo geral: *O alfabeto destruido*. Mas o poeta carmelita não teve tempo de tratar da sua publicação, porque jorna-deando de Napoles para Genova, onde ia solicitar do duque de Saboia licença para lhe dedicar o seu trabalho, morreu na verde idade de vinte e cinco annos.

Na catalogo publicado em maio dêste anno pela Livraria Antiquaria de Udine encontro indicada uma obra do mesmo genero: Pietrasanta: —*Lettere senza lettere, —ossia lettere di un padre a suo figlio in ciascuna delle quali manca per ordine alfabetico una delle ventidue lettere*. Torino, 1834. (*Pietrasanta: Cartas sem letras, isto é, cartas de um pae a seu filho, em cada uma das quaes falta por ordem alfabetica uma das vinte e duas letras*, Turim, 1834).

Os trabalhos em que o escritor quis exercitar a sua paciencia, com uma ou outra das letras do alfabeto, não teem conta. Querendo catalogá-las era preciso começar pelo poeta grego Laso, que viveu cerca do anno 550 antes de Christo, e procurou immortalizar-se com um hymno a Ceres e com uma ode aos centauros, composições em que não figurava nem um unico P; precisamente o opposto da conhecida *Pugna porcorum per P. Porcium poetam*, na qual todas as palavras começam com a letra P. Hugobaldo, abade de Saint Quant, falecido em 930, compoz em honra de Carlos Calvo um hymno aos calvos, em 130 versos, em que cada palavra começa pela letra C. . .

Dêste hymno aos calvos já frey Gil, que o possui, deu aos leitores dos *Echos do Minho* largos extractos, ha dois annos, pelo que os leitores devem aguardar a publicação em volumes d’aquellas *Pitadas* com estes *Serões*.

É saudinha até ao proximo.

QUADROS

X

A' Ex.^{ma} Senhora D. Itelvina Lemos

A generosidade da Morte

Noite de lágrimas. Em toda a casa,

Ancias, desgosto,

Lástima, dor...

Até chora no lar a lenha em braza.

Até o sol-posto

Chora d'amor:

Cortada a aza

Da ave-flor

Na vasa

Da Morte, o infatigavel caçador.

Deixara o sol a linha do horisonte...

Veio a noticia,

Triste amargura,

De campo em campo e assim de monte em monte...

Sem ter caricia

D'uma ternura

Que desaffronte,

Na sepultura

Poisara insonte

A frente,

O rosto, que era um mimo de escultura.

—No Sanatorio! longe! tão novinha!

Tão sem ninguém!

Bofão de rosa!—

(Chorava, n'isto, livida, mesquinha,

A pobre mãe...)

—Tuberculosa!

Pobre andorinha,

Ou mariposa!

Só minha,...

E hoje é do Pó, que tantas carnes goza!

Diese isto, e ficou branca e silenciosa

A procurar a filha em Deus, que a tinha...

E ao outro dia vinha

Buscá-la o esquite. A morte é generosa...

José Agostinho.

Uma Tarde no Campo

Inédito d'um poeta bracarense

Que graciosa se mostra
Toda a natureza agora!

Deixo, Braga, os teus folguedos
Os teus bailes, teus festins;—
—Deixo o mundo; deixo o canto
De celestes cherubins;—
—Pelas rozas destes prados—
—Pela côr destes jasmins—

Quero agora—solitario—
Nestes campos vaguear;—
—Por entre esta relva quero
O mal-me-quer apanhar,
E nas folhas caprichosas
Minha sina consultar,—

—Quero ouvir a triste rola
Triste canto ao vento dar;—
—Quero ouvir as ternas aves
Hymnos ternos descantar;—
—Quero ao som da minha lyra
Ao seu canto o meu juntar.—

•Como é bello ver ao longe
•Esse meigo pôr do sol,
•Quando, alem, seu canto solta,
•O saudoso rouxinol;
•Quando assoma nas montanhas
•Outro rútilo pharol;—

•Quando a lua mostra a face
•Sem brilho, sem luz, sem côr,
•Como ao sol pedindo a triste
•Um raio do seu fulgôr,
•P'ra depois, com doces risos,
•Vaidosa fallar d'amôr;—

•Quando vejo a mariposa
•Sobre as florinhas pairar,
•Beijá-las, fugir com mêdo;
•Ir no espaço doidejar....
•E depois de noute— às chamas
•Triste morte procurar.—

•Encanto respira tudo
•Do dia á hora final.,,
•O roxo lyrio nos prados,
•A roza no seu rozal—
•Triste o murmurio da fonte,
•Da fonte o puro crystal,—

•Pelos montes pastorando
•Seus rebanhos o zagal,
•Quando entoa ao som da arena,
•Lindo canto festival!—
•Encanto respira tudo
•Do dia á hora final.

•Montes, prados, valles, ermos,
•Que poesia agora teem,
•Quando sobre a-terra a noute
•Pardo veu estender vem;
•Quando a alma só nos falla,
•Que outra voz não dá ninguém!

•Tudo agora é lindo e bello
•Na mudez da solidão;
•Tudo agora falla meigo
•Como a voz do coração;
•Tudo agora diz ao homem:
•Manda a Deus uma oração.»

Quinta de Ruaens, 1852

Fernando Jacome.

Curso Juridico de 1865-1866

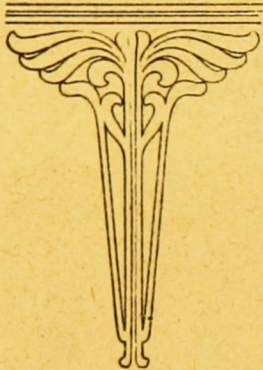
Acompanhados de pessoas de familia, 51 annos depois



Cavalheiros. Da esquerda para a direita: — *Dr. Silveira Vianna*, director da Companhia dos Tabacos — *Dr. Paiva Pitta*, lente aposentado da faculdade de Direito — *Desembargador Dr. Barata*, juiz aposentado da Relação do Porto — *Dr. José Luiz Ferreira Fieis*, antigo par do reino — *Conselheiro D. Luiz Maria da Silva Ramos*, antigo decano aposentado da Faculdade de Theologia — *Conselheiro Dr. Fernando Braga*, juiz do Supremo Tribunal de Justiça — *Conselheiro Dr. Leoffe*, Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça.

Damas. Da esquerda para a direita ex.^{mas}: — *Sobrinha e pupila do Cons. Dr. José Luiz* — *Esposa do Dr. Silveira Vianna* — *Esposa do Cons. Dr. Leoffe* — *Esposa do cons. Dr. Fernandes Braga* — *Sobrinha do Dr. Paiva Pitta*.

Garden-Party
em
Barcellos



O Dr. Campilho e Ex.^{ma} esposa

Na quinta do sr. conselheiro Castro Monteiro realisou-se ha pouco uma festa em homenagem ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Pedro Campilho e S. Ex.^{ma} Esposa. A ella concorreu tudo que ha de fino na sociedade de Barcellos. Tocou-se, cantou-se, recitou-se e dançou-se. O local escolhido fica a cavaleiro do rio Cavado. Divisa-se a um lado, espreguiçando-se, a villa de Barcellos com a ponte romana a dar a mão a Barcellinhos e, do outro, a ponte de ferro.



Grupo geral dos convidados

Phot. A. Soucassaux.

Peregrinação á Penha EM GUIMARÃES



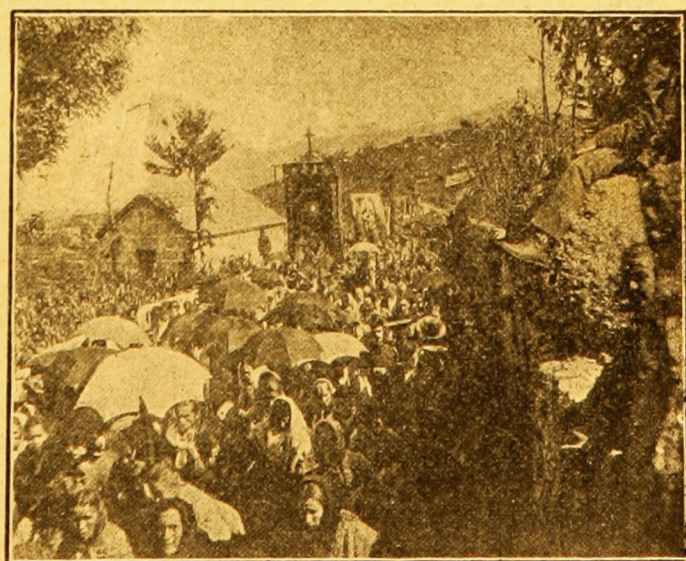
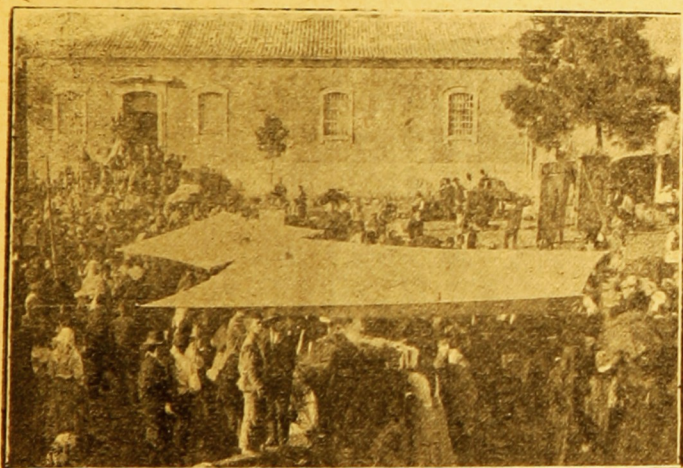
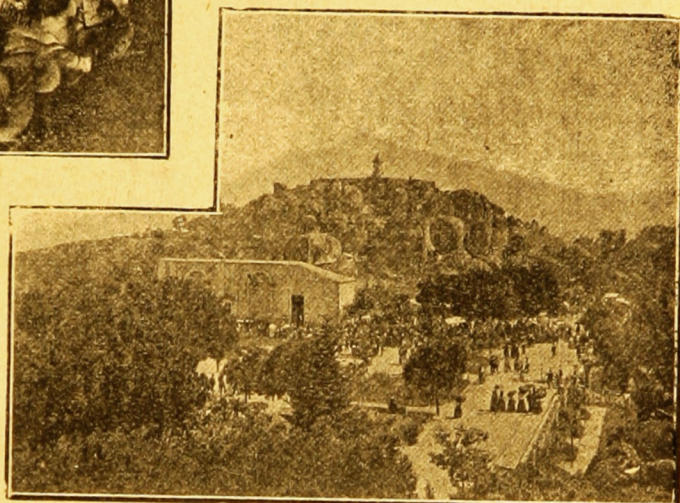
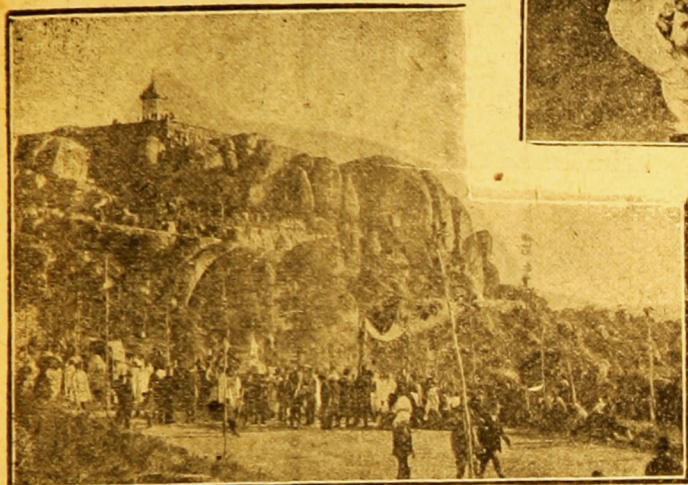
- 1—Procissão, vista da gruta
- 2—Sahindo do templo
- 3—Missa campal



Imagem da Immaculada Gonceição, do monte da Penha, junto a Guimarães, offerecida pela Congregação das Filhas de Maria da mesma cidade e benzida pelo Ex.^{mo} Bispo do Porto.



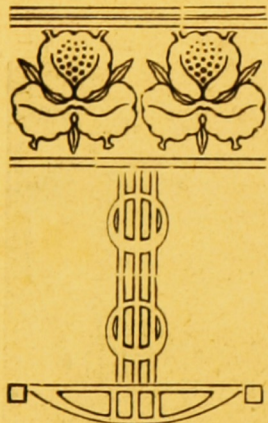
- 4—Aspecto do arraial
- 5—Chegada á Penha
- 6—A caminho



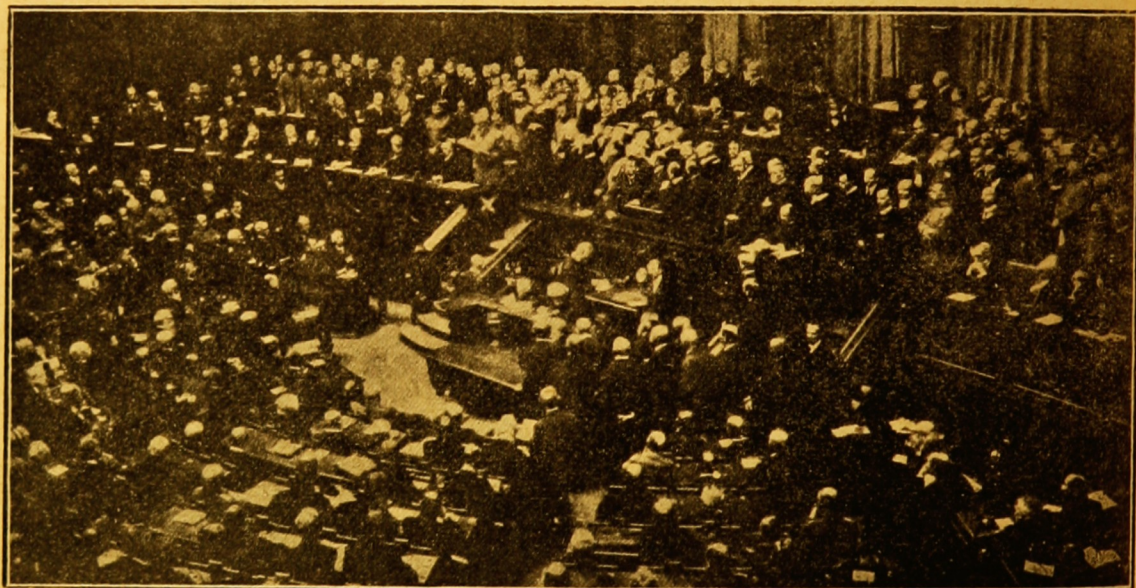
PAGINAS
DA
GUERRA EUROPEIA



Sapadores ingleses, construindo um caminho na zona tomada aos allemães

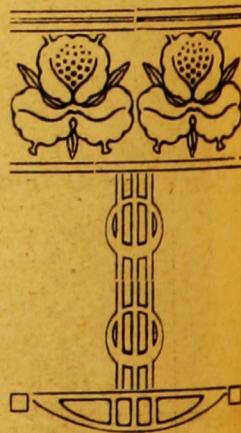


Maqueiros canadienses, assistindo aos feridos durante o ultimo avanço das tropas inglezas na região da Belgica.



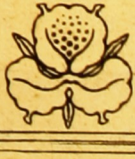
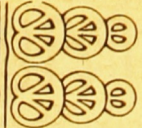
Cães dos Alpes que naquelles cumes de eternas neves prestam aos italianos grandes serviços

Michaellis propõe ao Reichstag um projecto de paz allemã





PORTUGUESES NA GUERRA



O 1.º capelão P. Avelino de Figueiredo



João da Silva e Joaquim Lopes, do grupo de metralhadoras hoje na linha de fogo



Um grupo de soldados catholicos, na 1.ª linha. São oriundos de Moimenta e Aguiar da Beira

PALESTRAS DE ARTE CRISTÃ

XXX. — Interpretação

COM o que levamos dito poderia o leitor talvez apreciar convenientemente uma obra de arte, entender a perfeição com que estão trabalhados os elementos que a compõem, mas não seriam capaz de comprehender cabalmente o conjunto do que ella representa.

Ponhamos, por exemplo deante dos olhos os dois quadros de assumptos bellicos que acompanham este artigo. No primeiro veria um crucifixo, admiraria a perfeição com que estão executados os mais pequenos pormenores do guerreiro que jaz aos pés do mesmo, meio esmagado pelo cadaver do cavallo, apreciaria, se o visse reproduzido em cores, as tintas misteriosamente sublimes da iluminação, mas com certeza não entenderia logo, a não ser que possuísse outros conhecimentos, o pensamento, a idea que o artista quiz exprimir.

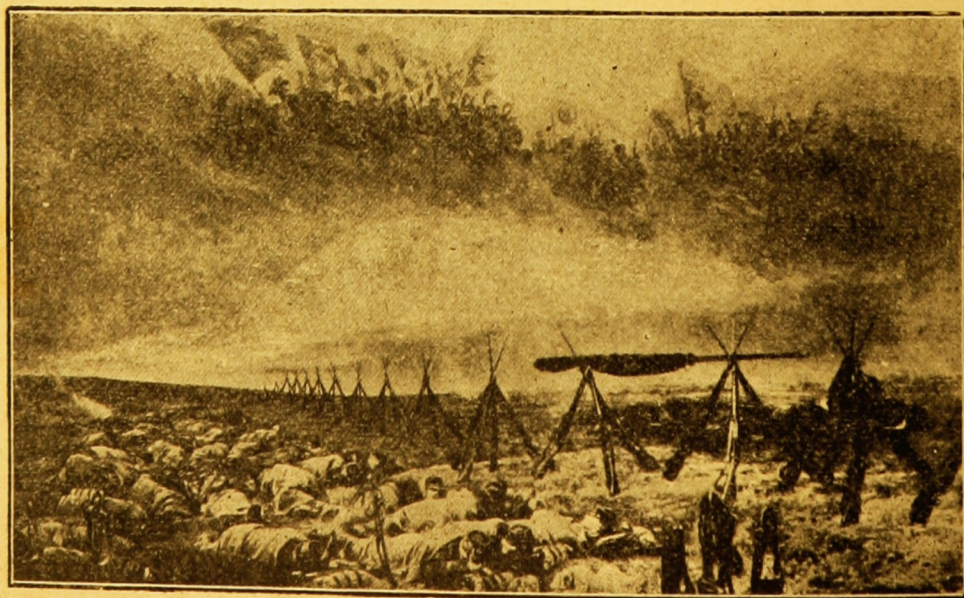
No outro veria um campo de guerra com uma multidão de soldados a dormir, as armas ensarilhadas, o estandarte enrolado a descansar em dois dos sarilhos, a iluminação nocturna das fogueiras do acampamento. No plano superior pareceria divisar vultos que vão correndo impetuosamente entre as nuvens. O pensamento, porem, do artista, ficaria por conhecer.

Ora a parte da iniciação artistica que ensina a entender a idea representada numa obra de arte, chama-se interpretação ou hermeneutica.

A arte christã tem como fontes da hermeneutica, em primeiro lugar a Biblia, sobretudo o Novo Testamento. As scenas do Evangelho são abundantemente exploradas pelos pintores e esculptores christãos. As obras dos Santos Padres, as tradições dos primeiros seculos, foram tambem grandes inspiradoras dos nossos artistas, especialmente na parte symbolica da arte. Finalmente a historia da Igreja, as vidas e legendas agiographicas, contribuíram com material immenso para a inspiração artistica.



J. J. Weerts. Pela Humanidade! Pela Patria!



Detalle. O sonho.

Daqui se pode inferir a necessidade que tem o critico de arte christã de conhecer, ao menos as linhas geraes, e os factos mais notaveis do thesoiro historico da nossa religião. Sem isso a maior parte das obras seriam para elle um livro fechado. Felizmente todos, mais ou menos recebemos esta educação insensivelmente, se a nossa formação foi orientada em conformidade das nossas crenças. Da bocca das nossas mães, dos nossos educadores, dos que nos deram a instrução catequetica, das nossas leituras e conversas,

das prégações que ouvimos, dos quadros e estatuas que temos visto, todos recebemos elementos que enriquecem o nosso conhecimento das fontes da inspiração christã.

Apezar desses conhecimentos e de outros que temos adquirido pelo estudo, uma obra de arte pode ser para nós ininteligível. Quando ou por impericia do artista, ou pela natureza vulgar do facto que representa ou por deficiência de características que o distinguam, o assumpto é tão vago que se presta ás mais diversas interpretações. Assim por exemplo foi longamente debatida em Roma ha poucos annos a interpretação de uma pintura da Catacumba de Pretextato; uns viam nella o Baptismo de Christo, outros a Flagellação e Coroação de espinhos !! E a controversia ficará eternamente por resolver.

Na proxima vez procura remos expor os criterios principaes que nos hão de guiar na interpretação dos quadros e composições da arte. Por conclusão, direi a idea representada pelos quadros de que acima fallei! O primeiro é o famoso quadro de J. J. Weerts, que tem por titulo: *Pour l' Humanité, Pour la Patrie*. Representa os dois maiores sacrificios que ha no mundo o sacrificio do Homem Deus para redimir a humanidade e o sacrificio de quem imolou a vida pela defesa da Patria. O segundo representa o sonho do guerreiro no campo da batalha: a victoria por que aneia a que se lhe afigura como alcançada no esperançoso sonho. É do pintor Detaille.

São como o leitor bem vê, quadros apropriados para a occasião em que milhares dos nossos irmãos nos campos da França estão defendendo e praticando os ideaes heroicos fixados nas duas maravilhosas telas,

Agnus.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO

Um romance.



MINHA AMIGA: Prometti-lhe uma historia e ainda hoje vou fallar de mim, perdão, vou fallar-lhe d'outra mulher. Nós somos assim! Todos aquelles que vivemos da phantasia, que gastamos o coração, e que soubemos encelleirar a boa e amavel provisão de recordações e de saudades, que hão de ser n'um dia —ai de nós!— que já vem perto, o retempero terno do nosso vazio, temos a pretensão d'encontrar um romance em cada mulher que encontramos, de sopezar um coração em cada coração que nos passa pelas mãos. O nosso egoismo, que é afinal uma simples expressão de vaidade faz-nos divinisar a vulgaridade, ergue-la, pôr-lhe umas azas e dar-lhe o ar solemne de descer á terra n'uma nuvem, qualquer coisa d'olympico e irreal, que só tem ficção dentro da nossa phantasia, que só tem expressão dentro da nossa anciedade.

Como os seus quarenta annos batidos de todos os desenganos e de todas as alegrias, vão rir da minha nova pieguice. Quer ouvir?!

Promette não troçar? Accenda uma cigarrilha, accommode-se no seu *maepler* e oiça... Vou pôr-lhe um coração nas mãos. Sinto-o infantil, frivolo, tímido quasi. Treme como um collegial; lateja como um incendio...

Não ria e não me recomende chá de tilia: que o seu sorriso, que é todo uma alvorada mansa, cubra n'uma benção, o meu romance, porque eu tenho ainda um romance a contar.

Quem é? Não sei. Ha-de ficar precisamente na minha vida porque não foi nada, porque o sinto na minha alma como o fumo leve d'um dos seus *laureus* perfumados. Tem trinta annos. Presinto-o pela expressão magoada dos olhos. Advinho-lhe na graça leve do sorriso. Uma mulher só sabe sorrir aos trinta annos! É a *viellesse courte* de que falla Balsac dentro da alma sazoadada, esplendente, d'uma mulher de Bourget. Não tem nada que a distinga e distingue-se das outras; não tem um requinte e affasta-se da vulgaridade. Tem um ar leve de garça. A vida parece pequena para ella, Vive n'um desprendimento e na graça terna do pizar, mostra uma indiferença, um alheamento, que encantam. Bem sei, todas as mulheres são parecidas dirá, mas nenhuma mulher é igual a outra mulher. Ha sempre qualquer coisa d'intimo, de subtil, que escapa á superficie, mas que no fundo é diferente. Quem conhece uma mulher?

Tenho conhecido tantas e não conheço nenhuma, creia. Se a não conheço a si! Duvida? Cada vez a entendendo menos e por isso a estimo mais. Mas voltemos ao meu romance. Não sei o que lhe encontro e esse mysterio é todo o interesse da minha commovida anciedade. Se a conhecesse, detesta-la-hia talvez. O platonismo dos *jeunes blazés* de que falla Wilde, tem exclusivismos de féra. Não a conheço, repito, e não desejaria conhece-la. A sua voz tem rythmo e irritar-me hia se fallasse. Acho-o adoravel no seu mysterio, recondita, indecifrável, como a legenda complicada d'uma piscina antiga. É todo o meu encanto seria coroar de rosas a sua cabelleira negra onde uma madeixa de neve tem a graça adolescente d'uma velhice precoce. É essa madeixa que me encanta, que me faz sonhar um segredo na sua vida, que me faz advinhar-lhe um romance, que eu afinal não queria esclarecer, mas que desejava vestir de phantasia de sonho, que se casasse com o sonho leve, que a sua figura exhala. O seu pescoço é longo, nasce d'ossos estylisados onde faltam joias e onde as perolas deveriam morrer de inveja e de ternura. Tem um ar anemico d'orchidea caçada, uma mansidão de doença e o riso que madruga soalheiro, nos seus labios é frio e apagado. A paixão, o romance afinal. É sempre assim! Todo o meu desejo seria merecer-lhe um olhar e depois como aquelle rei lendario de Bysancio manda-la apunhalar entre uma chuva de rosas e de perfumes, para vêr o sangue jorrar em borbotões na palidez d'aquella carne anemica como a purpura romana d'um velho Basilei. É aqui tem o meu romance! É pouco e é tudo para mim! Nós somos sempre assim piegas... Eternas creanças que somos afinal. Beijo-lhe as mãos...

X...

Lendas de guerra

POR EDUARDO DE NORONHA



A quem chame á guerra elemento civilizador. Talvez: E' a creadora de taes inventos de exterminio que a sciencia e a industria, principalmente alguns industriaes, teem enriquecido de subito.

Cerca de vinte milhões de rapazes, dos dezenove aos trinta annos, de todas as nacionalidades, estão mortos, feridos, extraviados, mutilados.

A imprensa scientifica ingleza occupa-se muito, ao presente, do que se chama 'mentiras da guerra.' Não são as mentiras officiaes, inventadas tendenciosa e interesseiramente por não importa que governo e de que paiz. São as lendas relativas ao grande drama, creadas de boa fé e augmentadas desmedidamente pela iraginação das multidões. Lançam taes raizes que se tornam indestructiveis.

Está provado que, em Inglaterra, os jornaes teem publicado cartas de soldados, que nunca entraram em fogo e que narraram com as côres mais vivas e pittorescas batalhas terriveis que nunca se realizaram. Fernando Van Langenhove, um belga, acaba de escrever um livro interessante: *Comment naît un cycle de légendes*.

A proposito d'estas lendas, o professor allemão, von Lisrt, effectuou um dia uma experiencia curiosa e concludente. No seu curso de criminalogia e sem prevenir os estudantes, organisou durante uma discussão, uma disputa entre dois auditores. Breve estes passaram aos insultos. Um, no meio da surpresa geral, desfecha um tiro de revolver no interlocutor. Decorridos oito dias, recolhem-se os depoimentos escriptos do drama. O exame d'esses documentos juridicos demonstram que nenhum era absolutamente exacto. As deformações da verdade aggravam-se a partir do momento em que a excitação dos espectadores attingira o ponto culminante.

Dois processos extraordinarios correm actualmente nos tribunaes militares de França. Ambos põem um calafrio na espinha do mais habituado a lêr os peores horrores em que se debate actualmente a Humanidade.

Ei-los:

A 7 de janeiro de 1915, o conselho de guerra da 74.^a divisão condemnava o adelo Jacques Ris a cinco annos de prisão, por ter accendido a 24 de dezembro de 1914, no seu quintal, uma fogueira destinada — depuzeram muitas testemunhas, — a orientar um Zeppelin que deixara cahir duas bombas sobre Luneville.

Ora, por determinação do ministerio da justiça, o tribunal respectivo vae fazer a revisão do processo. Produzia-se um facto novo, depois de lavrada a sentença pelo conselho de guerra.

Um grande numero de habitantes de Luneville—quem sabe quantas das antigas testemunhas—declaram que Jacques Ris, alsaciano, excelente patriota, antigo ferido de 1870, tinha por costume queimar no seu quintal palha inutil e velhas enxergas provenientes de um quartel. Ora, na noite de 24 de dezembro de 1914 um vento rijo reacendera a fogueira que o adelo julgara apagada. O supremo tribunal pronunciou-se a favor da revisão do processo. O adelo vae ser julgado de novo por novo conselho de guerra.

Este resultado de uma lenda ainda se pôde remediar. Agora o outro:

Nos ultimos dias do mez de agosto de 1914, o artilheiro francez João Baptista Eugenio Bouret, do regimento de artilharia n.º 48, quando se encontrava no seu posto de combate, soffre uma violenta commoção cerebral em consequencia do estilhaçar de uma granada. Transportado a uma ambulancia proxima, evade-se alguns dias depois. Preso, responde a conselho de guerra por abandono de posto em frente do inimigo. Julgam-n'ó sem instrucção prévia, sem testemunhas, unicamente após um interrogatorio que se recusa a assignar. Condemnado á morte, fuzilam-n'ó a 16 de setembro.

Mas decorrido pouco tempo ha quem sinta remorsos, quem pense n'um provavel erro. Os seus chefes e os seus camaradas attestam que Bouret era valente, mas que não gosava da plenitude das suas faculdades, em consequencia da commoção cerebral experimentada. A familia do desditoso artilheiro intenta uma acção de revisão do processo. O tribunal competente, conforme as conclusões do procurador geral e do relatorio do conselheiro Leoffroy, annulou o julgamento do conselho de guerra e illibou a memória de Bouret da condemnação pronunciada. E a vida, quem lh'a restitue?

De proposito, citamos todos os nomes e pormenores, não se vá acreditar que é mais uma lenda em tantas lendas de que enferma o senso commum.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grèves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião

19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-

º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoia de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º — BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA